

# **REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DO DOCENTE NA ESCOLA DO CAMPO- UM RECORTE DO ESTADO DA ARTE**

**ITALO DE OLIVEIRA CHAVES<sup>1</sup>**

**MONALIZA MEIRA SIMÕES<sup>2</sup>**

**ROMEU SANCHES PAIXÃO<sup>3</sup>**

**Eixo III - Educação e trabalho docente: formação, remuneração, carreira e condições de trabalho; práticas de iniciação à docência.**

## **RESUMO**

O presente resumo objetiva discorrer a respeito do trabalho docente, e, mais especificamente a problemática do processo de precarização dessa atividade que vêm se acentuando a partir de um contexto de transformações ocorridas tanto na esfera do trabalho, quanto no âmbito das políticas educacionais, agravados com o (des)governo vigente no país principalmente no que se refere a escola do campo. Que entre todas é a que mais sofre com o descaso em vários aspectos: materiais, estruturais e humano. Trata-se de um resumo que objetiva trazer luz acerca dessa problemática tão grave, fazendo um recorte das literaturas do estado da arte.

**PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Educação. Educação do campo. Precarização.**

## **INTRODUÇÃO**

As reflexões apresentadas neste resumo expandido são frutos das discussões construídas no processo de pesquisa exploratória de natureza inicial que, tem início a partir das anotações e apontamentos feitos na sala de aula e leitura de artigos e livros, da disciplina Educação e Trabalho

Através das discussões desenvolvidas no decurso da disciplina supramencionada, começamos a problematizar as razões pelas quais o trabalho docente passa, na escola rural, especialmente, escola em regra precarizada sobre vários aspectos – recursos humanos e materiais – os efeitos da precarização são mais sentidos que na escola urbana e, no esforço de compreender porque isso acontece, construímos algumas reflexões sobre o assunto..

---

<sup>1</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de Extensão do Núcleo interdisciplinar de estudos e extensão em cuidados a família em convivibilidade com doenças crônicas (NIEFAM). Membro do Grupo Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Sociedade. Linha: Família em seu ciclo vital. Membro do Grupo em Formação, Diferença e Subjetividade- GEFORDIS. E-mail: it.ochavesic@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista do Nucleo de Estudos Sobre Memória, Trabalho e Educação- NEMtrabE. E-mail: monasimoes@gmail.com

<sup>3</sup> Romeu Sanches da Paixão. Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Estudos em Formação Diferença e Subjetividade (GEFORDIS). E-mail: Romeusanches85@gmail.com

## **METODOLOGIA**

Iniciamos a pesquisa propriamente dita, realizando uma vasta pesquisa pelo estado da arte que consubstanciou a discussão do assunto e a elaboração desse texto a fim de lançar luz sobre a caminhada para uma compreensão da “realidade” deste cenário. Para tanto, lemos o livro “A educação para além do capital” (2014) de István Meszáros e os artigos “O professor das escolas do campo: trabalhador de múltiplas jornadas de trabalho” de autoria de Odimar Peripolli e Alceu Zoia (2014) e “Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares” de autoria de Maria Mercês Ferreira Sampaio e Alda Junqueira Marin (2004).

O presente trabalho assume nesse momento um caráter de natureza teórica pois reconhecemos que o objetivo do mesmo só se realiza a partir de vivências no chão da escola rural, enquanto *locus* da investigação futura.

## **DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução do capital estão intimamente ligados. Consequentemente uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança.

O impacto da incorrigível lógica do capital sobre a Educação tem sido grande ao longo do desenvolvimento do sistema. Apenas as modalidades de imposição dos imperativos estruturais do capital no âmbito educacional são hoje diferentes, em relação aos primeiros e sangrentos dias da acumulação primitiva em sintonia com as circunstâncias históricas alteradas.

A educação tornou-se um instrumento da sociedade capitalista, e favorece a acumulação de bens contribuindo para a divisão das classes, onde as classes dominantes impõe uma educação alienante para o trabalhador.

Levando em questão o processo alienante que o capitalismo promove para pensar a precarização do trabalho do docente, que se “espraia” de tal modo que, na escola rural, esse fenômeno se instaura pela auto-alienação do trabalho – jornadas extenuantes, duplas, as vezes e aceitação de condições de trabalho humilhantes – sem que o professor sequer se dê conta de estar sendo hiper explorado.

Quanto a formação do professor do campo, é importante salientar que este é fruto de uma educação ainda preconceituosa com relação ao contexto citado. Todo o contexto que

envolve a prática do professor em sala de aula, e logo a sua formação é baseada no contexto urbano de tempo, conteúdo e vários outros fatores. É inviável pautar o assunto da escola do campo e não explicitar as péssimas condições de trabalho dos professores atuantes nesta área. A precarização do trabalho docente no campo implica em inúmeros efeitos negativos sobre as práticas curriculares.

O baixo salário que obriga ao professor do campo ser um trabalhador de múltiplas jornadas de trabalho – não tendo, assim, tempo, e nem mesmo apoio do município/estado para dedicar-se à docência e ser um melhor educador; As turmas com muitos alunos, em classes multisseriadas e contidas em salas inadequadas; A falta de materiais adequados na péssima estrutura onde, na maioria das vezes, as aulas são ministradas; A dificuldade que muitos professores enfrentam ao se locomover até a escola – auxílio transporte é algo raro de se encontrar em situações como essas; E alguns outros problemas que se revelam dentro do contexto da escola do campo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O professor do campo se vê condicionado a adaptar um currículo não elaborado para o campo, desdobrar-se na adaptação do conteúdo e enfrentar inúmeras outras dificuldades e precariedades dentro do contexto escolar do campo. Em Educação para além do capital, Itsván Mészáros, diz que: “Educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida”, assim como diz que: “Educar para além do capital implica pensar numa sociedade para além do capital”. Como é possível expandir a educação do campo para além do capital quando a educação não é pensada para o campo, mas sim para a cidade em uma sociedade tecnicista e capitalista? Como é viável a construção de uma educação de qualidade no campo quando não se pensa nele ao elaborar-se o currículo escolar? Se as condições de trabalho do professor, de modo geral, já se mostra precária e infactível, as condições de trabalho do professor do campo são ainda piores. O que esperar de uma escola onde o professor não tem um salário mínimo, uma estrutura digna e o ínfimo reconhecimento do trabalho por ele exercido? A partir da construção de um currículo feito especificamente para o campo e pautando as especificidades do mesmo é possível pensar numa educação de melhor qualidade e que atenda às necessidades das pessoas que vivem no campo. Mas, somente a partir da despreciação da situação do docente e do incentivo através de condições dignas de trabalho se faz possível conceber uma educação qualitativa e que contemple a formação do discente do campo como uma formação completa que qualifique não só para o mercado de trabalho, mas, também, para a vida.

## REFERÊNCIAS

MÉSZAROS, István. A educação para além do capital. 2.ed. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2006.

ANTÔNIO, Clesio Acilino, LUCINI, Marizete. Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação. **Caderno Cedes**. Campinas, v.27, n.72, p.177-195, 2007. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>>.

ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. Educação do campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro. **Rev. Ciência&Trópico**. Recife, v.34, n. 2, p.207-226, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/download/868/589>>.

ARAÚJO, Rute Pereira Alves de. Reflexões no campo do currículo: a proposta curricular como instrumento da política curricular integrada a uma política educacional. **Revista espaço do Currículo**, v.7, n.2, p.199-218. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>>.

PERIPOLLI, Odimar J., ZOIA. Alceu, O professor das escolas do campo: Trabalhador de múltiplas jornadas de trabalho. **Revista da Faculdade de Educação UNEMAT**, v.22, n.2, p.99-114. 2014. Disponível em: <[www2.unemat.br](http://www2.unemat.br)>vol\_22>artigo\_22>.